



Operadora:

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão do resultado do 1T08. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e, mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação.

Caso precise da ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar *0. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço: www.bb.com.br, site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas, ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência relativas às perspectivas de negócios do Banco, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da Administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais, portanto estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje estão os senhores: Aldo Luiz Mendes, Vice-Presidente de Finanças, Mercado de Capitais e Relações com Investidores; Nilson Martiniano Moreira, Diretor de Controladoria; Pedro Carlos de Mello, Contador Geral; e Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente de Relações com Investidores.

Inicialmente, o Sr. Aldo apresentará o resultado do 1T08 em grandes linhas e, em seguida, o Sr. Geovanne apresentará detalhes desse resultado. Ao final, os executivos responderão às questões que forem formuladas.

Agora, passo a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes. Por favor, Sr. Aldo, queira prosseguir.

Aldo Luiz Mendes:

Obrigado. Bom dia a todos. Agradeço a presença de todos vocês em nossa teleconferência. E como de costume, nós vamos fazer uma breve apresentação, como já foi dito, dos resultados do 1T. Na sequência, nós estaremos disponíveis para responder perguntas.

O Geovanne vai discorrer sobre os slides daqui a pouco, mas antes eu quero destacar em grandes linhas o que foi o nosso desempenho neste 1T. Então, no 1T, sem os efeitos extraordinários, nós registramos um lucro de R\$1,559 bilhão, o que dá um retorno de 27,6% sobre o patrimônio.

Nós encerramos o trimestre com quase R\$173 bilhões na carteira de crédito, com destaque para o crédito à pessoa física, que registrou um crescimento de 20,4% no período trimestral e 47,5% se a gente considerar o período anual. Neste segmento, pessoas físicas, os destaques foram CDC Consignação e o CDC Veículos, que apresentaram um crescimento de 7,5% e de 13,1%, respectivamente. Isto reforça o nosso empenho em conquistar mais espaço no mercado de financiamento para aquisição de veículos, como nós havíamos mencionado nos trimestres anteriores.



Outro destaque importante foi a redução das despesas administrativas, -8,4% em relação ao trimestre anterior. Isso graças a aspectos sazonais e também em grande parte ao esforço do Banco em gerir seus custos de maneira mais racional e mais austera. Como vocês verão a seguir, nós continuamos comprometidos com as estratégias traçadas para continuidade sustentável de nossos negócios.

E agora, eu convido o Geovanne, que é o nosso Gerente de RI, para apresentar maiores detalhes sobre o resultado do 1T08 do Banco do Brasil. Geovanne, por favor, pode prosseguir.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Obrigado, Aldo. Bom dia a todos. Antes de a gente começar a detalhar melhor o resultado, eu gostaria de abrir já com o slide dois, para trazer aqui para vocês uma iniciativa que o Banco tomou: a partir deste trimestre o Banco passou a consolidar proporcionalmente em seu balanço a participação do seu Banco de Investimentos, o BBBI; participação esta em 12 empresas, que envolve ramos de seguridade e outras empresas não-financeiras. E até para efeito de comparabilidade, é importante fazer essa consolidação porque os nossos demais concorrentes já fazem essa consolidação há algum tempo.

Então vamos para o slide dois, onde a gente mostra as principais linhas do balanço patrimonial e também das demonstrações do consolidado financeiro, que é o que apresentávamos até o trimestre passado, em comparação ao consolidado econômico-financeiro que engloba, então, estas 12 empresas participadas pelo nosso Banco de Investimentos.

É possível a gente observar que uma das principais alterações advindas desta mudança foi o crescimento dos ativos em R\$12,3 bilhões, sendo que R\$11,4 bilhões vieram em função da linha títulos e valores imobiliários, e que fez o Banco do Brasil, então, na consolidação econômico-financeira, atingir um total de ativos de R\$404,9 bilhões. Sem essa consolidação, nós teríamos ativos totais de R\$392,6 bilhões. Em qualquer uma destas comparações, o Banco do Brasil é incontestavelmente líder em ativos no setor financeiro brasileiro.

Outras diferenças que nós também podemos destacar, após a consolidação econômico-financeira, são as observadas nas receitas de prestação de serviços, que tiveram um crescimento de R\$347 milhões, e também o incremento no resultado antes da tributação sobre o lucro, que foi de R\$98 milhões.

Feita esta explanação inicial, em relação à consolidação das demonstrações contábeis, eu gostaria agora de passar para o slide três, onde vamos discutir, então, a evolução do resultado do Banco do Brasil no consolidado financeiro, até para efeito de comparabilidade, uma vez que, no consolidado geral, nós ainda não temos a posição dos trimestres anteriores.

O lucro líquido no 1T08 foi de R\$2,3 bilhões, 66,6% superior ao resultado apresentado no mesmo período de 2007 e 92,9% superior ao lucro do trimestre anterior. Se nós desconsiderarmos os efeitos extraordinários, que serão detalhados no próximo slide, nós podemos ver que o resultado recorrente foi 20,9% maior que o do 4T07. Ou seja, em termos absolutos, passamos de um resultado recorrente de R\$1,3 bilhão no trimestre anterior, para R\$1,6 bilhão no 1T08, que representa um retorno sobre o patrimônio líquido recorrente da ordem de 27,6%.



Passando agora para o próximo slide, de número quatro, nós podemos ver os principais itens extraordinários que compuseram o resultado do 1T08. O nosso resultado foi positivamente impactado por eventos extraordinários da ordem de R\$789 milhões, com destaque para a venda da participação da Visa Internacional; a reavaliação de participações societárias pelo método de equivalência patrimonial, que nós inclusive já tínhamos divulgado para o mercado em fato relevante; e também ao ganho de eficiência tributária, devido principalmente aos efeitos fiscais da cessão de créditos baixados que nós transferimos para a Ativos S/A.

No slide cinco nós podemos ver os principais itens que contribuíram para a formação do lucro recorrente do Banco do Brasil no 1T08, que foram: o maior ganho com operações de crédito, refletindo aí a expansão da nossa carteira de crédito; e também com títulos de valores mobiliários. E paralelamente a isso, nós tivemos também uma redução de R\$336 milhões no nível de despesas administrativas.

Eu gostaria de lembrar a vocês que na última teleconferência, dos resultados do 4T, nós explicamos que o aumento das despesas administrativas ocorridas naquele período tinha características sazonais e que era de se esperar que, no 1T, nós apresentássemos níveis de despesas menores do que o observado no período anterior. E, de fato, este slide confirma essa redução em despesas administrativas, que proporcionou uma economia de R\$336 milhões. Mais adiante nós detalharemos então essa redução nas despesas administrativas.

Passando para o slide seis, nós observamos que a evolução da margem financeira bruta, que cresceu 10% em relação ao 1T07, e que se manteve estável em relação ao trimestre anterior, deve-se principalmente ao crescimento do crédito.

O crescimento do crédito foi fundamental para permitir a expansão desta margem financeira. As receitas com operação de crédito aumentaram 18% em 12 meses, atingindo R\$7,2 bilhões no 1T08; e no mesmo período, as outras receitas financeiras alcançaram R\$3,8 bilhões, crescimento de 7,6%.

Esse crescimento foi preponderante para cobrir o aumento das despesas da intermediação, e permitiu também um incremento na margem financeira bruta no período. Em relação ao 4T, o comportamento da margem financeira bruta, que foi praticamente estável, manteve-se estável, foi fundamentalmente influenciado pela mudança no *mix* de captação. Notem que as despesas financeiras saíram de R\$4,6 bilhões para R\$5,5 bilhões no 1T08, como reflexo dessa mudança no nosso *mix* de captação.

Passando para o slide sete, no gráfico à esquerda notamos que, na visão 12 meses, a Selic média apresentou queda de 210 b.p., enquanto o spread do Banco reduziu em 90 b.p.

Já na visão do 1T08 contra o trimestre anterior, a Selic média teve redução de 20 b.p., enquanto o spread do Banco caiu 60 b.p., ficando em 7,2%. Essa queda, é importante ressaltar, deveu-se principalmente à forte expansão das operações compromissadas com grandes clientes. Essas operações aumentaram seu saldo em torno de R\$21,5 bilhões, ou seja, um crescimento de 42% no período, enquanto os ativos de crédito cresceram R\$12 bilhões, uma expansão de 7,5% no período.



Vale lembrar que essas operações compromissadas têm um retorno bem pequeno, e também compõem o denominador no cálculo do spread global, explicando essa queda de 7,8% para 7,2%.

Já no gráfico à direita, nós mostramos o comportamento do spread por carteira. É importante ressaltar aqui que o spread na carteira de pessoa física continua sendo o mais atrativo em relação aos demais. E vale apontar também que o spread dessa carteira foi negativamente impactado pela contabilização, no total de ativos de crédito, algo em torno de R\$1,9 bilhão, de operações de crédito oriundas de vendas com cartões de crédito parceladas por lojistas.

Essas operações foram contabilizadas até para permitir que o Banco do Brasil aloque capital, para fazer frente ao risco dessas operações, e também contabilize provisão, conforme recomendação do Banco Central. Todavia, essas operações não rendem juros ao Banco do Brasil.

Enquanto o spread da carteira de pessoa jurídica se manteve estável, o spread do agronegócio apresentou um ligeiro decréscimo em função de um menor volume de receitas de equalização, e também um crescimento de operações voltadas às agroindústrias, que apresentam também menores taxas de juros; explicando então o movimento trimestral.

No slide oito nós vemos a mudança no *mix* de captação do Banco no último trimestre. Enquanto verificamos a redução, por questões sazonais, de 13,9% nos depósitos à vista, uma redução, em valores aproximados, de R\$7 bilhões. Do lado dos passivos onerosos, apresentamos um crescimento anual acumulado dos depósitos de poupança, em torno de 5%; dos depósitos a prazo, em torno de 6,7%; e da captação em mercado aberto, essa sim uma expansão expressiva, de 38%, e essa expansão devida principalmente ao crescimento das operações compromissadas com grandes clientes.

No próximo slide, de número nove, nós fazemos uma comparação do nosso custo de captação, das diferentes linhas de funding que nós temos, com a Selic. É possível observar o reflexo da operação no *mix* do 4T07 para o 1T08 na elevação do custo de captação do Banco do Brasil. A captação total saiu de 61,5% para 66% da Selic, ou seja, 450 b.p., em média, de crescimento no custo de captação, em comparação à Selic.

O aumento do custo médio das captações totais do Banco foi ocasionado, fundamentalmente, pelo aumento da participação das captações no mercado aberto, que têm um custo, e também pela redução de captações onerosas, principalmente depósitos à vista, por questões sazonais.

No slide dez nós podemos ver que a nossa carteira de crédito apresentou uma performance bastante expressiva, um saldo de R\$173 bilhões aproximadamente, crescimento de 23% em relação ao 1T07. Em relação ao 4T07, a carteira de crédito cresceu 7,5%, e atingiu 16,3% de participação no mercado. Se nós considerarmos somente a carteira de crédito no País, nós superamos o crescimento da indústria, que foi de 6,1%.

Os destaques foram: a carteira de pessoas físicas, com variação positiva de 20,4%; e do crédito à pessoa jurídica no agronegócio, que cresceu 35%.



Passando para o slide 11, nós temos a abertura da carteira de pessoas físicas. Nesse segmento os destaques foram o CDC Consignação e o CDC Veículos, com alta no trimestre de 7,9% e 21% respectivamente.

Os crescimentos observados em cheque especial, uma variação de 18%, e em cartões de crédito, quase 50% de crescimento, ocorreram em função de questões de sazonais, sendo que, no caso das linhas de cartão de crédito, esse crescimento sofreu forte influência da contabilização de R\$1,9 bilhão daquelas operações oriundas de vendas parceladas com cartões de crédito pelos lojistas, conforme eu mencionei anteriormente. Sem essa contabilização, o crescimento das operações com cartões teria sido de apenas 4,8%.

Mesmo assim, é importante ressaltar que se ajustássemos o crescimento da carteira total com essas operações, nós teríamos no trimestre um crescimento da ordem de 6,5% da carteira de crédito total, ainda maior que o crescimento da indústria.

O Banco do Brasil manteve a liderança no mercado de crédito consignado, com 18,5% de participação no mercado. Eu volto a lembrar aqui que nós esperamos ultrapassar 20% de participação no mercado no final de 2008 nessa linha, que sem dúvida alguma é o grande foco de crescimento do Banco do Brasil, aliado também à forte concentração do crescimento no financiamento a veículos.

No slide 12 nós abrimos os R\$67,2 bilhões destinados às pessoas jurídicas, que nos mostra a evolução desse saldo, que se concentrou principalmente em operações voltadas para as micro e pequenas empresas, que cresceram aproximadamente 32% no ano e 4% no trimestre.

No slide de número 13 nós podemos observar que as despesas de provisão sobre o total da carteira estão em linha com o nosso *guidance* anual, de 3,7% a 4% da carteira total. Finalizamos o trimestre com 3,6% nesse indicador. Em termos de valores absolutos, as despesas com provisão ficaram no patamar de R\$1,5 bilhão, em linha com o observado no trimestre anterior, demonstrando uma forte gestão do risco dessa carteira, em que pese o crescimento expressivo da carteira no período.

Já no slide 14, nós podemos verificar o aumento no risco médio da carteira, que saiu de 5,4% para 5,6%. Esse aumento deveu-se à revisão do risco das operações do agronegócio, que foram prorrogadas no 4T06, e que resultou na realocação de R\$450 milhões do adicional de provisão diretamente para a carteira rural. Desconsiderando este evento, o risco médio na carteira ficaria em torno de 5,3%, inferior ao risco médio observado no trimestre anterior e também ao risco médio do Sistema Financeiro Nacional.

Este evento, da realocação da provisão para a carteira rural, foi extensivamente discutido na teleconferência que nós tivemos com o mercado na semana passada, para discutir especificamente a questão do agronegócio e suas perspectivas.

Por outro lado, em que pese o aumento do risco médio da carteira, o percentual de operações em atraso reduziu em 10 b.p., saindo de 4,5% no 4T07 para 4,4% no 1T08, refletindo aqui a prudência do Banco do Brasil na gestão dessa carteira de crédito.

Passando agora para o slide 15, nós observamos que as receitas de prestação de serviços apresentaram ligeira redução no trimestre, conforme nós já vínhamos antecipando. Totalizou R\$2,6 bilhões, e esse efeito é em grande parte explicado por



fatores sazonais, e também por questões pontuais, como a antecipação às medidas relacionadas à nova regulamentação sobre cobrança de tarifas bancárias, que é a Resolução do Conselho Monetário Nacional 3518/07; o fato também de o Banco do Brasil não ter ajustado suas tarifas em função desse novo cenário, de maior competitividade no Sistema Financeiro.

E os maiores volumes de receitas de prestação de serviços que nós observamos no período foram: com tarifas de conta corrente, aquelas receitas também provenientes da administração de fundos, ambas representando 47% do total das receitas com tarifas no período.

Apesar de ainda deter a maior participação neste grupo, as tarifas de conta corrente vêm reduzindo a participação, em função de uma maior competição no setor financeiro pela busca de base de clientes e retenção de base de clientes; enquanto a receita de administração de fundos e também de cartão de crédito apresenta uma tendência de crescimento, em função do maior volume de recursos administrados e de um maior crescimento de operações com cartões de crédito.

As receitas com cartões alcançaram R\$256 milhões, um crescimento de 32,9% em 12 meses, enquanto a base de cartões cresceu 23% no período. O crescimento dessas receitas refletiu principalmente as ações adotadas pelo Banco para melhorar a rentabilização desse negócio, incentivando o uso de cartões. E as receitas de administração de fundos, que cresceram 20%, totalmente em linha com o crescimento no volume de recursos administrados, conforme eu mencionei anteriormente.

Passando agora para o slide 16, nós vemos a evolução do nosso negócio de administração de recursos de terceiros. Finalizamos o trimestre com R\$241 bilhões de recursos administrados, mantendo a liderança absoluta na América Latina em administração de recursos de terceiros, com 19,3% de participação no mercado brasileiro. O crescimento em 12 meses foi de 25% nesse saldo de recursos administrados e 10% no outro trimestre.

Já no slide 17, nós trazemos alguns números da base de clientes, que atingiu 26,4 milhões de correntistas, um crescimento de 1,5% em relação ao trimestre anterior e de aproximadamente 7% em relação ao mesmo período do ano passado. Desses 26,4 milhões de correntistas, quase 25 milhões são de pessoas físicas. Este crescimento em pessoas físicas reflete também um movimento de aquisição de folha de pagamento que o Banco do Brasil fez no final do ano passado; e eu tenho também 1,7 milhões de clientes pessoa jurídica.

É importante ressaltar aqui que o Banco do Brasil tem conseguido manter um crescimento em média de 450.000 correntistas por trimestre, e que, além dos correntistas, nós contamos com outros clientes, que seriam não-correntistas, em nossa base, totalizando 36,7 milhões de clientes.

No slide 18 podemos verificar a expansão da base de cartões, que atingiu 69 milhões de cartões de plástico emitidos, sendo aproximadamente 21,1 milhões de cartões de crédito. O Banco do Brasil registrou faturamento total de R\$14 bilhões, incluindo cartões de crédito e débito, um crescimento de 26% em relação ao mesmo período do ano anterior, maior que o crescimento médio da indústria de cartões, que foi de 25%, conforme dados da Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços.



O faturamento com cartões de crédito chegou a R\$7,8 bilhões desse total de R\$14 bilhões no 1T, um crescimento de 30% em relação ao mesmo período do ano passado. Com cartões de débito, o faturamento foi da ordem de R\$6 bilhões.

No tocante às despesas administrativas, eu gostaria agora de discutir esse ponto no slide 19, vale lembrar que estão presentes aqui diversos aspectos sazonais, tanto no 4T07 quanto também no 1T08. Mesmo assim, o Banco apresentou um desempenho na gestão de suas despesas compatível com a estratégia de crescimento orgânico.

É importante lembrar que para fazer frente a essa estratégia, o Banco tem investido na aquisição de folha de pagamento para captura de novos clientes, e consequentemente na abertura de novos pontos de atendimento e de agências, na renovação desses pontos de atendimento, na ampliação e modernização de sua rede de auto-atendimento, no aumento da capacidade de processamento da sua infra-estrutura tecnológica, na renovação do quadro de pessoal, centralização das áreas de suporte, contratação de serviços terceirizados, entre outros. E muitos desses investimentos afetam diretamente as linhas de despesas administrativas, reflexo desse crescimento, dessa expansão orgânica.

Todavia, é importante lembrar que a administração do Banco do Brasil tem adotado uma postura bastante austera na gestão dos custos, cuidando para que não haja prejuízo em seu crescimento. Em função disso, nós contabilizamos R\$3,4 bilhões em despesas administrativas no período, 8,4% inferior ao observado no trimestre anterior e 9,3% superior ao mesmo período do ano passado, totalmente em linha com a inflação no período e também com o aumento salarial.

Em relação ao aumento salarial, nós podemos ver no slide 20 que as despesas de pessoal no trimestre caíram 8,1% em relação ao 4T07, embora tenham apresentado um crescimento perto de 6% em relação ao mesmo período do ano passado, reflexo do aumento salarial. E quando comparamos com o trimestre anterior, o 4T07, essa redução deve-se principalmente à utilização do estoque de provisões de férias, que implica em menor contabilização; além disso, o 4T07 estava impactado por questões sazonais, como por exemplo despesas com 13º, o próprio ajuste do aumento salarial dado em setembro do ano passado, serviços de terceirizados, aumento do seguro de acidente de trabalho. Se compararmos as despesas de pessoal do 1T08 com as do trimestre anterior, conforme eu mencionei, o aumento de 6% é proveniente de dissídio coletivo, que foi dado em setembro de 2008.

Passando agora para o slide 21, em termos absolutos vemos que o incremento em outras despesas administrativas em relação ao 1T07 foi de R\$189 milhões, divididos entre suplemento de numerário – este, sim, um dado que está diretamente relacionado ao crescimento orgânico da atividade –, a contratação de serviços de terceiros, despesas de comunicação de dados, entre outros efeitos.

Já na comparação trimestral, a queda de outras despesas administrativas, de 8,7%, deveu-se ao contingenciamento de despesas de marketing e relações públicas, cujos gastos são concentrados muito no final do ano, serviço de transporte de numerário também apresentou uma queda sazonal em função de uma menor quantidade de remessas e viagens de numerário.

Passando agora para o slide 22, nós trazemos alguns indicadores estruturais do Banco. Podemos perceber que o número de funcionários cresceu 1,8% no trimestre, atingindo 86.400 trabalhadores, e apesar da recomposição do quadro de pessoal após



o plano de afastamento antecipado, o chamado PAA, as despesas de pessoal caíram em relação ao trimestre anterior, como visto anteriormente.

Além disso, nós vemos também, no gráfico abaixo, que a nossa redistribuição manteve-se estável no decorrer do trimestre. Para este ano nossa expectativa é de abrir mais 72 novas agências e 192 pontos de atendimento, para fazer frente ao crescimento esperado nos nossos negócios.

Passando para o slide 23, observamos os indicadores de produtividade. O índice de cobertura das despesas de pessoal com tarifas atingiu 135% no 1T08 contra 133% no 1T07. Aqui, essa melhora no índice deve-se fundamentalmente ao aumento das receitas com prestação de serviços em ritmo mais acelerado que o crescimento das despesas de pessoal.

Já o índice de eficiência também apresentou uma melhora significativa no período, atingindo 43,6% desconsiderados aqui os eventos extraordinários. Se nós considerarmos o impacto dos eventos extraordinários no índice de eficiência, esse índice teria sido em torno de 41%.

Trazendo mais alguns indicadores do Banco do Brasil, agora no slide 24, nós podemos ver que a relação crédito/depósitos totais atingiu 91%. O Banco do Brasil ainda possui folga na relação deste indicador, e o aumento deste indicador deve-se principalmente à expansão da nossa carteira de crédito.

Além disso, no gráfico à direita laminado slide, podemos ver a evolução do nosso índice de Basiléia, que encerrou o trimestre em 15,3% garantindo uma margem de alavancagem de R\$92 bilhões para o Banco do Brasil expandir seus ativos ponderados a 100% do risco, principalmente a carteira de crédito. É importante lembrar que nós estimamos um crescimento da carteira total de crédito para o ano de 2008 em torno de 25%.

Para encerrar a explanação dos números, gostaria de passar para o slide número 25, onde apresentamos algumas considerações em relação ao *guidance* informado na teleconferência dos resultados do ano passado, para o ano de 2008, e fazendo, aqui, uma comparação à luz do nosso desempenho. Diante do que podemos observar, nós estamos mantendo algumas expectativas e colocando outras em revisão.

Seguindo o slide, nós podemos ver que a provisão para créditos de liquidação duvidosa sobre a carteira total ficou em 3,6%, um pouco abaixo do intervalo projetado para 2008, que é de 3,7% a 4% da carteira média, revelando a boa qualidade das nossas operações e também o equacionamento da questão do crédito rural. Nossa sugestão é manter esse *guidance* para 2008.

As receitas com prestação de serviços mantiveram-se dentro do projetado para o ano, um crescimento de 8%. Espera-se que a redução proveniente da nova regulamentação, vigente a partir de 1º de maio, seja compensada pelo aumento das receitas com cartões, administração de fundos, e também ramo de seguridade, e mantemos o *guidance* de 8% de crescimento anual para 2008; o crescimento das despesas administrativas em 12 meses em torno de 9,6% totalmente em linha com o *guidance* de crescimento entre 7% e 10%, não vemos necessidade de ajustar isso, então mantemos.



Retorno sobre patrimônio líquido em torno de 27%, totalmente em linha com nosso *guidance*, entre 23% a 27%, mantemos também esse *guidance*. O desempenho do crédito, no último ano a carteira está em 26,7%, também em linha com o nosso *guidance* para 2008 de 25%. Depósitos totais, crescimento em torno de 18%, o *guidance* é o intervalo entre 15% e 20% de crescimento, também em linha com o *guidance*, e estamos mantendo esse *guidance*.

Em relação aos cartões de crédito, 21 milhões de cartões emitidos foi o que nós observamos no 1T, e para o ano a meta é 25 milhões; mantemos essa meta. Crescimento da carteira também em linha, mantemos o crescimento.

Em relação ao spread, a margem financeira sobre os ativos rentáveis, o spread global, estamos colocando esse *guidance* em observação; o *guidance* anual é entre 7,5% e 8%, o observado no 1T foi de 7,2%, principalmente em função da forte expansão de operações compromissadas, refletindo a volatilidade que nós observamos da marcação dos títulos no período do 1T. A gente espera que isso seja, de alguma forma, reduzido ao longo do ano e também seja compensado pelo crescimento da carteira de crédito, mas, de qualquer forma, estamos colocando este indicador em observação para ver se ajustamos ou não esse *guidance* posteriormente.

Por último, em relação à taxa de imposto, nós estamos colocando em revisão esta taxa de imposto por conta do provável impacto que virá com a aprovação da Medida Provisória de aumento da contribuição social sobre o lucro líquido, e também dos ganhos de eficiência tributária que nós esperamos obter ao longo do ano. Em função disso, o *guidance* de 28% em média que nós tínhamos colocado está em revisão; para efeito de estimativa, nós aconselhamos aos analistas continuarem usando o *guidance* de 28% sabendo que esse *guidance* poderá ser ajustado posteriormente.

Essas eram as considerações sobre detalhamento dos resultados. Gostaríamos agora de abrir a teleconferência para a sessão de perguntas e respostas. Muito obrigado.

Carlos Macedo, Goldman Sachs:

Bom dia, parabéns pelo belo resultado do Banco. Na verdade, eu tenho uma pergunta e um pedido, o pedido antes: eu queria que vocês pudessem, no prazo que vocês conseguirem, disponibilizar no *website* para os analistas de mercado algum comparativo da consolidação que vocês fizeram nesse trimestre com as empresas. Indo para trás, para 2007, seria ótimo para ajudar a gente a entender um pouco a evolução dessas contas com os novos montantes que entraram nelas.

A pergunta, na realidade, tem a ver com a estratégia de funding do Banco do Brasil. Como o Geovanne falou, aumentou muito a captação no mercado aberto através das operações compromissadas, o que até levou a aparentar que a margem relativa do trimestre tenha sido mais baixa. Eu queria entender qual vai ser a estratégia do Banco do Brasil indo para frente, se vai continuar fazendo essas captações no mercado aberto, se vai voltar ao mercado internacional agora com o Investment Grade no Brasil, se vai focar mais na captação através das agências e o que a gente pode esperar por aí.

Aldo Luiz Mendes:

Obrigado pela pergunta. Essa questão do *funding* a gente imagina que seja um pouco sazonal, essa demanda da clientela, principalmente de grandes clientes, por



operações compromissadas. De certa maneira, eles querem fugir um pouco da marcação a mercado que ocorre nos fundos, e na compromissada o grande cliente foge um pouco dessa marcação do mercado, dada a volatilidade da curva de juros.

Como esta é uma questão que a gente imagina, sazonal, ou pelo menos passageira por conta da instabilidade lá de fora, não chega a trazer para nós uma grande preocupação. É claro que dentro da tesouraria a gente sempre pode limitar isso; se a gente achar que está indo além do desejado, eu posso limitar isso e voltar as baterias da captação para o CDB, que é sempre uma alternativa muito boa para a gente, principalmente via rede.

Com relação a emissões externas, como eu digo, é sempre uma hipótese aberta. A gente tem um programa de algum MTM aberto e, é claro, no novo cenário de Investment Grade, onde os custos tendem a ser menores para essa captação, se torna efetivamente atrativo para a gente acessar esse mercado no futuro. Não temos nada definido ainda, nem valor nem data, absolutamente nada disso, mas é claro que é uma possibilidade, sim, aberta e nós vamos explorar essa possibilidade.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Em relação à comparabilidade do consolidado econômico financeiro, esse era um sonho que nós tínhamos, mas infelizmente, em função de tempo mesmo e de 'braço', nós não conseguimos fazer. E de informações; envolve informações de muitas empresas, inclusive muitas que não estão ligadas ao ramo financeiro, então dificulta mais.

Esse é um primeiro passo que o Banco está fazendo, e à medida que a gente for fazendo isso trimestralmente, aí sim será possível a gente começar a montar uma série mantendo a comparabilidade.

Mas os principais efeitos estão acontecendo, no patrimonial na linha de títulos e na demonstração de resultados, principalmente na linha de tarifas, receitas de *[inaudível]* tarifas, principalmente em função das operações com as nossas empresas do ramo de seguridade, títulos de capitalização, seguro vida, seguro automóvel. E o importante é você comparar isso com Bradesco e Itaú, porque eles já vêm fazendo isso há muito mais tempo.

Geralmente quando você faz esse movimento de incorporação e de consolidação, é complicado você retroagir, até porque você chega à empresa e muitas vezes ela não tem todas as informações necessárias para fazer isso.

Então, infelizmente, esse pedido, neste momento nós não conseguiremos atender o mercado, e a gente pede desculpas por isso. A gente gostaria muito de poder fazer, mas saibam que no decorrer do tempo, daqui a mais de três ou quatro trimestres, aí sim a gente terá essa contabilidade total.

Carlos Macedo:

Está bom. Obrigado.



Jorg Friedemann, UBS Pactual:

Obrigado. Bom dia. Minha pergunta se refere à participação nos lucros. A gente fez uma análise rápida aqui e eu pude perceber que a participação nos lucros ao longo dos últimos quatro anos tem ficado em torno de 12% a 13% do lucro reportado, isso considerando também eventuais extraordinários.

Eu queria saber se esse é um bom número, um bom *guidance* para a gente utilizar para o futuro, de 12% a 13% do lucro reportado. E também gostaria de saber em que pé está hoje o plano de *stock options* do Banco do Brasil. Obrigado.

Aldo Luiz Mendes:

Obrigado pelas indagações. Com relação à participação no lucro, o *guidance* é exatamente entre 12% e 13% mesmo, 12,5%, que é o programa de remuneração variável que a gente tem aqui dentro do Banco e que oscila exatamente em torno de 12,5%.

Com relação à participação dos funcionários na base acionária do Banco, nós estamos ainda aguardando um posicionamento do Conselho de Administração do Banco do Brasil autorizando-nos a implementar a proposta que já foi feita. A nossa não é uma proposta *stock option strictu sensu*, ela é algo mais abrangente e que busca uma participação dos funcionários como um todo na base acionária. Quer dizer, a gente gostaria de ter um alinhamento com todo o corpo funcional e não apenas com o topo da pirâmide dos executivos do Banco.

Para ser bem sincero contigo, esse pleito foi encaminhado, essa proposta foi encaminhada ao Conselho de Administração e este pediu um tempo para analisá-lo, porque como o Banco do Brasil é uma empresa de sociedade de economia mista e existem outras sociedades de economia mista, o representante do acionista majoritário gostaria de analisar isso no conjunto de suas empresas.

Recentemente, nós estivemos conversando com o acionista majoritário e ele nos prometeu retomar esse tema, porque para nós é um tema importante e ele entendeu a importância. Então, eu espero poder ter alguma novidade sobre isso ainda no próximo trimestre, se não a aprovação do plano como um todo, pelo menos o aprofundamento dessa discussão, o andamento dessa idéia.

Jorg Friedemann:

OK. Se você me permite um breve *follow up* nessa discussão, você poderia passar hoje as bases da proposta que o Banco do Brasil está fazendo em relação a este programa?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Este programa é um pouco diferente do que a gente tem comumente no mercado. Por quê? Porque a nossa proposta é um *stock option* que envolve todos os funcionários do Banco. Geralmente, as empresas colocam o *stock option* somente para a alta administração.

Estaria limitado a um percentual, se eu não me engano, de 2,5% do capital total, então isto é um assunto que tem que ser deliberado por assembleia. E nós teríamos faixas



de ações que poderiam ser subscritas no prazo de cinco anos, estabelecido o preço quando do lançamento, e este preço sendo atualizado provavelmente por um índice de preço, um IGP “da vida”.

E aí, dependendo da faixa em que o funcionário se encontra, porque acaba que este resultado depende do empenho de todos, e principalmente dos que estão lá na agência fazendo nossa força de vendas, vendendo os produtos e serviços do Banco do Brasil. E aí a expectativa é você poder, dependendo do seu nível dentro da hierarquia do Banco do Brasil, ter até dois, até três salários, aí vai depender na forma de ações, e isto sendo subscrito anualmente até cinco anos, e, com eles, aumentando ainda mais o vínculo do funcionário, com a expectativa de ganhos de valor de mercado no preço da ação.

Mas ele é um pouco diferente na medida em que ele vai envolver desde a alta administração até o meu caixa, até o meu escriturário lá nas agências.

Jorg Friedemann:

Ótimo. Muito obrigado pelas respostas.

Olivia Paganini, Votorantim:

Bom dia a todos. A minha pergunta vai de encontro a uma reportagem publicada hoje pelo Valor Econômico, de que o Banco do Brasil pretende mudar a estratégia de atendimento ao setor público. Eu queria saber qual a previsão de vocês de expansão destas operações estruturadas com estados e municípios no que tange à participação nas receitas.

Aldo Luiz Mendes:

Como está dito, de fato, no Valor, a gente já tem uma grande operação no *[inaudível]* no Estado do Mato Grosso. Existe um potencial muito grande. Eu não tenho exatamente, ainda, o número de o que isso pode impactar em termos de receita, em termos de faturamento. Vai depender de uma avaliação, junto a nossa área de governo para termos este número, eu confesso que não o tenho ainda.

A verdade é que a gente está enxergando nisto um potencial grande de crescimento, existe uma operação no *[inaudível]* e outras potencialmente para acontecer. Então a gente acredita muito nisso como uma forma de expansão de negócios, mas eu não tenho isso traduzido em números ainda. Teremos em breve, porque eu tenho que sentar com a área de governo, e aí traduziremos isso para o mercado.

Olivia Paganini:

Perfeito. Obrigada.

Maria Laura Pessoa, Unibanco:

Bom dia a todos. Parabéns pelo resultado, e parabéns pelo *disclosure*, que tem ficado a cada trimestre melhor, das apresentações do resultado. A minha pergunta é com relação à expectativa de crescimento da carteira, mas olhando sob a ótica de produtos. Se vocês pudessem detalhar um pouco o que vocês esperam em termos de evolução para a carteira agrícola, para veículos - mesmo sendo uma base pequena,



imagino que deva ter um *guidance* para crescimento bem forte – e também com relação a consignado.

E a segunda pergunta, na verdade é com relação a essa despesa que aparece, esse resultado de planos econômicos, até que vocês mostraram de forma bastante coerente o valor, o expurgo desse valor. Mas como vocês vêm daqui para frente? Devem continuar tendo provisões com relação a planos econômicos, ainda tem um contingente ligado aos outros planos econômicos que as pessoas podem reivindicar a atualização? Então como vocês estão vendo os próximos trimestres, para a gente ter uma idéia do volume, pelo menos do montante que vocês estão esperando em termos de provisão. Obrigada.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Só dando uma atualização do *guidance* de crescimento linha a linha, na carteira total, 25%: para agronegócios, a expectativa é crescer 25%, sendo que a ênfase que o Banco tem dado, conforme a gente demonstra, é o crescimento no agronegócio para pessoas jurídicas, agroindústrias, é o que está crescendo mais fortemente, mais que o agronegócio para pessoas físicas. Mas a carteira de agronegócios toda crescendo 20%.

A ênfase na pessoa física, conforme você bem mencionou, continuará sendo veículos, que é onde a gente ainda tem uma parcela, agora que a gente atingiu 4,5% do mercado. A nossa meta é ter 10% deste mercado até 2012. Para este ano, a nossa meta é dobrar a carteira, é ultrapassar R\$6 bilhões. Então é um crescimento de, no mínimo, 100% ao longo de 2008.

Em relação ao consignado, a gente tem adotado uma estratégia grande de conquista de folhas de pagamento, para garantir o crescimento dessa base. Fechamos recentemente um acordo com a folha salarial da Câmara dos Deputados; nós teremos exclusividade no consignado para os funcionários da Câmara dos Deputados. E tem outras estratégias que a área de governo tem desenvolvido para crescer neste segmento. A meta seria ultrapassar R\$16 bilhões de consignado em 2008.

E, por último, estamos iniciando nossas operações de imobiliário. Houve alguns atrasos de autorização, mas mesmo assim a gente ainda mantém o nosso *guidance* de fechar o ano com pelo menos R\$1 bilhão na carteira de imobiliário. É pequeno quando comparado com a carteira de financiamento a pessoas físicas total, mas já é um avanço.

E em relação à sua segunda pergunta, sobre planos econômicos, de fato a gente fez uma abertura agora, até porque durante o 4T, no Banco do Brasil nós não tínhamos feito este *disclosure*, a gente estava deixando estas despesas ali como se fossem despesas correntes, sendo que, na realidade, é uma despesa extraordinária, eu diria, e os nossos concorrentes estavam evidenciando isto fora do lucro recorrente. Então, este trimestre nós ajustamos isto, até para permitir uma comparabilidade maior com os nossos concorrentes. Para os trimestres seguintes nós faremos a mesma coisa; existe, sim, uma expectativa de que haja despesas ligadas a reajustes destes planos.

Mas é difícil mensurar, porque isto depende de clientes entrarem, pedirem, e aí tem que ir atrás destas informações, a gente não sabe exatamente quem tinha e quem não tinha, quem vai fazer direito o ajuste ou não.



Então é muito complicado a gente estabelecer. Até porque, se eu não me engano, no caso do Plano Verão, os clientes têm até janeiro de 2009 para poder iniciar um processo. Então, qualquer número que eu falar agora vai ser “chute”, então a gente prefere não fazer nenhum tipo de estimativa, mas deixar o mercado alerta de que, de fato, a gente espera que haja despesas voltadas para esta questão, e evidenciaremos isso de forma bastante transparente.

Maria Laura Pessoa:

Obrigada.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Enquanto não entra nenhuma pergunta, nós temos duas perguntas que foram encaminhadas aqui por Internet.

Aldo Luiz Mendes:

OK, a primeira está aqui comigo. A pergunta vem de Cauê Amaral, que pergunta: “dado o maior foco no crescimento da carteira de crédito de auto, o Banco pretende explorar melhor o segmento de seguro de auto?”.

A resposta é sim. Não necessariamente isso é uma venda casada, mas uma coisa acaba levando à outra. Na medida em que eu financio mais veículos, eu tenho uma possibilidade de oferecer, também, o seguro de automóvel.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

E uma segunda pergunta, do Marco Antonio de Sordo Carlim, é um investidor pessoa física. Ele pergunta como estão os projetos das operações no exterior e os dados e projeções, se eles estão incluídos aí.

Nós já divulgamos para o mercado, estamos desenvolvendo uma estratégia específica voltada para o varejo bancário no exterior, principalmente na praça dos Estados Unidos. Se vocês olharem os nossos números, na consolidação já aparece ali uma empresa que nós criamos, que é a BB Money Transfer, que vai atuar especificamente na transferência de recursos dos brasileiros que operam lá, que trabalham lá, para o Brasil.

Nós também temos uma outra empresa, que seria a BB USA Holding Company, que vai trabalhar englobando a atuação do Money Transfer e também um Banco do Brasil *savings bank*, que seria um banco nacional onde nós poderemos oferecer produtos financeiros para brasileiros que trabalham lá, independente da natureza desse trabalho. A expectativa é de termos a concentração desse negócio em cinco cidades norte-americanas onde a concentração de brasileiros é maior.

Em relação a dados, isso ainda está em fase de implementação, não temos dados muito concretos agora. Teremos isso mais à frente.

É importante lembrar que o Banco já possui uma estratégia de varejo no Japão. São aproximadamente US\$1 bilhão de captação junto aos brasileiros lá, isso está nos nossos números consolidados. Em termos de remessa anual, perto de US\$900 milhões a US\$1 bilhão desses brasileiros de terceira geração que trabalham no Japão.



Carlos Macedo, Goldman Sachs:

Só uma pergunta de *follow up* para a pergunta da Maria Paula. Geovanne, você falou que vocês tiveram alguns percalços na implementação do crédito imobiliário. Eu queria que você desse um pouco mais de detalhes por favor de como está indo esse negócio, quais são as expectativas para os próximos dois ou três trimestres, não necessariamente o final do ano, e qual é a estratégia do BB quanto a isso.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Quanto ao *follow up*, é importante lembrar que nós conseguimos uma aprovação do Conselho Monetário Nacional de que parte da exigibilidade sobre a poupança, que até então para o Banco do Brasil, 65% dela exclusivamente deveria ser voltada para o financiamento do agronegócio, foi flexibilizado.

O limite agora é 55% da captação em poupança para o agronegócio e 10% da poupança, fazendo chegar aos 65%, sendo destinados ao financiamento imobiliário. Os dois juntos somados dariam 65% da poupança sendo direcionados para o financiamento do agronegócio ou para o imobiliário.

O que estava faltando era conseguirmos as autorizações para atuar com a questão do FGTS, também ser um repassador de recursos do FGTS e atuar no sistema financeiro da habitação. E as informações que temos até o momento é que isso está bem encaminhado e estamos confiantes que haverá sim essa autorização e poderemos iniciar esse processo, de ser repassador desses, recursos a partir do 2S.

Inclusive, já temos uma parcela do FGTS separada para o Banco do Brasil trabalhar, se não me engano em torno de R\$1 bilhão do FGTS ser destinado ao Banco do Brasil para repassar, assim como repassamos, por exemplo, linhas do BNDES.

Em termos projeção de saldo, esperamos chegar ao final do ano com R\$1 bilhão de financiamento imobiliário. Iniciamos um projeto piloto em São Paulo, trabalhando com a carteira hipotecária, nossos próprios recursos, no final do ano passado, mas os números ainda são muito inexpressivos. Não vale nem a pena nós detalharmos.

Carlos Macedo:

A pergunta seria mais para ver se começa no 2T ou no 3T, mas tudo bem. Obrigado.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

No 2S.

Aldo Luiz Mendes:

Deixe-me aproveitar, chegou uma nova pergunta pela Internet, de Alexandre Coelho, da Plus Capital. Ele pergunta se esse nosso plano de *stock options* para todos os funcionários não traria duas consequências: a primeira delas seria um risco trabalhista de incorporação disso nos salários, e a segunda, se a relação custo benefício não seria danosa ao acionista, na medida em que ela traria menos benefício que o esperado, e mais custos.



Eu diria que não para ambos os casos. É claro que a nossa área jurídica fez uma investigação e estudo profundo para saber do eventual risco trabalhista, e ela nos asseverou que não existe esse risco. E segundo, acreditamos que a relação custo benefício tende a ser positiva, porque traz alinhamento de todos e precisamos dessa força de todos na ponta de venda.

O nosso esforço de vendas tem que ser sempre muito bem azeitado, toda a nossa máquina de vendas, e isso é uma forma de alinhar o interesse, até do funcionário que está na ponta, com o interesse da Companhia de buscar maior retorno para os seus acionistas.

Jaime Alves, Spinelli Corretora:

Bom dia. Eu gostaria de saber como você está vendo essa questão da estratégia de aquisições do Banco, que foi um ponto citado por vocês no final do ano passado. E se há alguma novidade com relação à questão da Visanet.

Aldo Luiz Mendes:

Com relação a aquisições, é aquilo que nós temos anunciado ao mercado. Estamos em um processo de incorporação do Banco do Estado de Santa Catarina, é o processo dentre os quais está mais avançado. Nós já temos expectativa de realizar assembleias nas duas instituições até o final do mês de agosto para que se conclua o processo de incorporação.

Neste momento existem em curso os trabalhos de avaliação tanto do Banco Santa Catarina quanto do Banco do Brasil para estabelecer a paridade de trocas entre as ações, e também toda a parte operacional, quer dizer, como juntar as operações e como ganhar sinergias na hora de juntar essas operações.

Idem com o Banco do Estado do Piauí, que vem um pouco atrás e é um banco um pouco menor, será muito mais simples fazer isso. E mais atrás, em termos de maturidade do processo, como também nós anunciamos ao mercado, o Banco de Brasília. Com o Banco de Brasília nós ainda estamos em uma fase de busca do valor do negócio, estamos tentando identificar quanto vale um negócio para estabelecer um parâmetro de preço e de troca de ações. Isso feito, nós passaríamos para a fase seguinte, de como juntas as estruturas operacionais e buscar as sinergias.

A questão Visanet, sem nenhuma novidade.

Jaime Alves:

Obrigado.

Operadora:

Com licença, encerramos nesse momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes, para as considerações finais.

Aldo Luiz Mendes:

Muito obrigado. Eu agradeço muito a atenção de todos, e havendo necessidade de mais informações sobre o Banco, por favor, entre em contato com a nossa equipe de



RI ou visitem o nosso *website*. A todos um bom dia, muito obrigado e até uma próxima oportunidade.

Operadora:

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no Portal BB na página de relações com os investidores. Obrigada pela participação de todos, e tenham todos um bom dia.

"Este documento é uma transcrição produzida pela MZ Data Products. Ao passo que é feito o possível para garantir a qualidade da transcrição, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Este documento não reflete nenhuma opinião de investimento. O conteúdo é de responsabilidade da empresa que realizou o evento que está transcrito neste documento. Por favor, consulte o website da respectiva companhia para mais informações sobre limites de responsabilidade."